

Lourenço articula bloco para apoiar o Planalto



Quércia e PTB selam sua aliança

Roland Marinho Sierra
 Especial para o JBr

São Paulo — A 24 horas de retorno do governador eleito Orestes Quércia do exterior, sua assessoria política anunciou ontem ter acertado uma aliança com o PTB, de tal forma que a maioria do PMDB se alarga na futura Assembléia Legislativa e os petebistas terão cargos no governo que se instala dia 15 de março.

Depois de um almoço com o prefeito Jânio Quadros, o atual secretário da Administração e o principal coordenador político de Quércia, Antônio Carlos Mesquita, anunciou que a "composição" com o PTB estava sacramentada e que este partido terá "participação no governo". Já estavam acertadas, anteriormente, alianças com o PFL, o PDT e o PSB (via Rogê Ferreira, prócer quase solitário dos socialistas em São Paulo e que, embora conseguindo 70 mil votos, não conseguiu eleger-se deputado federal por falta de quociente eleitoral de seu pequeno partido).

Caso essas alianças não sofram qualquer acidente de percurso, Orestes Quércia começará governando com a tranqüila maioria de 62 deputados, entre os 84 que compõem a Assembléia Legislativa paulista.

Antônio Carlos Mesquita, seguindo à risca a recomendação de Quércia para que evitasse confidências, recusou-se a informar à imprensa os termos da composição com os petebistas. Mas, mostrou absoluta segurança ao garantir que da conversa com Jânio sairá o acordo. A expectativa, porém, é a de que pelo menos uma secretaria de estado seja dada a um representante do PTB, já que este partido detém a segunda maior bancada no Palácio Nove de Julho. E a escolha do representante petebista terá de passar necessariamente pelo crivo do prefeito da capital.

A composição do esquema quercista com o PTB deixa claro que este partido ainda obedece à orientação inflexível de Jânio Quadros, que opera à distância, sem deixar seu gabinete no Ibirapuera. A direção estadual petebista, depois de reunir-se com a nova bancada estadual, eleita a 15 de novembro, há duas semanas, anunciou que o partido não aceitava qualquer aliança com o PMDB e com Orestes Quércia, optando por uma oposição, embora "construtiva". Dias depois, o prefeito mandou recados diretos a alguns dirigentes e parlamentares de seu partido, recomendando que se esquecesse aquela decisão, o que afinal aconteceu.

Quércia deverá receber ainda hoje, de seu assessor Antônio Carlos Mesquita, um relatório sobre as costuras que fez durante a ausência do governador eleito para que a chamada "grande aliança" seja consumada simultaneamente com a composição final do secretariado que assumirá a administração a 15 de março. Na verdade, nem todas as composições giram em torno de entrega das secretarias, havendo negociações para a ocupação de outros espaços no segundo escalão do governo estadual, que tem um elenco de cargos bastante cobiçado.

Orestes Quércia deve desembarcar hoje pela manhã, procedente de Israel, via Frankfurt.

Adesistas correm risco

São Paulo — A Comissão Executiva do PMDB paulista protocolou e encaminhou ontem mesmo à sua Comissão de Ética pedido de expulsão do partido dos três vereadores que se aliaram ao prefeito Jânio Quadros no episódio da eleição da nova Mesa da Câmara Municipal — Andrade Figueira, Jamil Achoa e Almir Guimarães.

Também o vereador Luiz Tenório de Lima, único representante do PCB na Câmara Municipal, será alvejado pela direção do PMDB, que vai comunicar a direção pecebista sua insatisfação com o comportamento de Tenório de Lima, que teria votado na chapa janista, mesmo sabendo que seu PCB fizera um acordo com o PMDB e com o PT para a tentativa de retirar do prefeito o controle da mesa da edilidade paulistana.

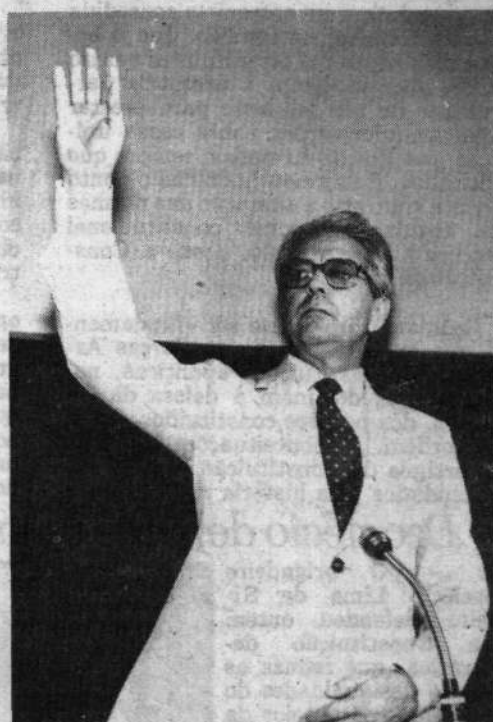
O presidente do PMDB, Almino Afonso, considerou o episódio "pró-fundamental, lamentavelmente, é quando a noção de lealdade partidária foi submetida a interesses meramente pessoais. Para ele, a posição dos três peemedebistas que votaram contra o próprio partido nada tem a ver com a aproximação do PTB com o governador eleito Orestes Quércia. (R.M.S.)

O líder do PFL na Câmara, deputado José Lourenço (BA), anunciou ontem à noite, após reunião com o presidente José Sarney, a criação de um bloco de parlamentares destinado a atuar na defesa dos interesses do governo durante a Constituinte.

O grupo seria composto especificamente por deputados e senadores considerados de "centro", informou o deputado Oscar Correa Júnior (PFL-MG).

José Lourenço, que intitulou o grupo como «Bloco Tancredo Neves», disse que ele terá como tarefa principal se contrapor às pretensões dos parlamentares de extrema-esquerda e de extrema-direita, os quais, afirma Lourenço, já estão articulados em blocos. O líder pefelista argumentou que a constituição do grupo centrista se fará com parlamentares do PFL, com os moderados do PMDB e com uma parcela de membros do PDS. «Esse bloco não será nem o Partido Comunista Italiano — de esquerda —, nem o Movimento Socialista Italiano — de direita —, explicou Lourenço.

Já Oscar Correa Júnior disse que esse bloco de parlamentares de centro está constituído informalmente. Ele lembrou que as vitórias do deputado Ulysses Guimarães (PMDB-SP) nas disputas pela presidência da Câmara e da Constituinte foram garantidas pelo grupo, bem como a garantia de voto aos senadores eleitos em 82.



Lourenço quer frear ações radicais

Sarney avalia a escolha do líder

Memélia Moreira

A conveniência ou não de escolher um "líder do Governo" no Congresso Nacional está sendo examinada pelo presidente José Sarney. Ele ainda não optou em trabalhar para eleger um nome de sua confiança para ocupar a liderança do PMDB, que seria uma tarefa desgastante para o Governo ou, deixar a bancada peemedebista escolher sozinha e partir para encontrar o nome que possa ser o "negociador" do Governo dentro do Congresso.

Enquanto aguarda o melhor momento para sua opção, Sarney conversa com os parlamentares de sua confiança, em audiências extra-agenda. Ontem, três desses parlamentares foram ao Palácio do Planalto: Prisco Vianna (PMDB-BA), Luís Viana Filho (PMDB-BA) e José Lourenço, líder do PFL. O deputado Prisco Vianna retornou à Presidência da República no final do expediente mas não quis fazer declarações.

Caso faça a opção por manter um líder de Governo o mesmo líder do partido, o presidente Sarney deverá trabalhar o nome do ex-ministro da Saúde e deputado baiano, Carlos Santana, um dos candidatos à liderança do PMDB. Mas, se for feita a distinção entre as duas lideranças, o nome mais cotado continua sendo o do deputado Prisco Vianna, a figura que vem preenchendo os requisitos para ocupar a função de negociador junto ao Congresso Nacional.

De qualquer forma, o Presidente da República já está convencido de que não pode ficar sem uma pessoa de sua confiança dentro do Congresso. A experiência da úl-

tima legislatura, quando Sarney não se viu representado pelo líder do PMDB, deputado Pimenta da Veiga, foi "negativa" e o Presidente tem necessidade de manter um pára-choque entre o Governo e o partido, dentro do Congresso Nacional.

O vice-governador do Maranhão, ex-deputado federal João Alberto, que priva da intimidade do Presidente fez uma revelação: "Não valeu passar um ano sem líder de Governo", ele traçou ainda o perfil desse líder, afirmando que Sarney nunca gostou de ter sombra e está precisando de uma pessoa que "fale pouco mas seja bom articulador, quando converse não seja polêmico em suas declarações e, principalmente, que seja uma pessoa com capacidade para manter o Presidente bem informado sobre todas as articulações e negociações dentro do Congresso". O vice-governador, que esteve ontem com o Presidente da República no Palácio da Alvorada não soube informar a data da escolha do líder do Governo, mas essa definição ocorre até o final da semana, antes de estar fechada a negociação dos apoios para a escolha de líder do PMDB, a ser escolhido na próxima terça-feira, dia 10.

O governo não terá uma liderança específica no Congresso para defender seus interesses durante a Constituinte. Esse trabalho de articulação dos valores governamentais continuará sendo efetuado pelos líderes do PMDB com o auxílio de seus colegas da Frente Liberal. A informação foi dada ontem pelo líder do PFL na Câmara, deputado José Lourenço (BA), depois de sair de uma audiência com o presidente José Sarney, no Palácio do Planalto.

Candidatos já buscam votos

Andrei Meireles

Com vários lances em diversas frentes, foi dada a largada da corrida pelas cobiçadas lideranças do PMDB e do governo: do Planalto ao plenário da Constituinte, ações articuladas com vistas à sucessão do deputado Pimenta da Veiga foram desencadeadas nas últimas horas. Quatro candidatos — João Herrmann, Carlos Santana, Milton Reis e Luiz Henrique — aproveitam a concentração de deputados no plenário da Constituinte para tentar conquistar votos. Mesmo assim, o quadro de candidatos não pode ainda ser considerado completo. O exame no Planalto de desvinculação das lideranças do governo e do PMDB foi recebido com ceticismo e desconfiança no Congresso Nacional.

O deputado Pimenta da Veiga, tido como desgastado no governo e no PMDB nega enfaticamente a candidatura à reeleição. Muitos deputados não estão convencidos disto e não perdem oportunidade de torpedear a sua liderança: a pequena mas vitoriosa rebelião em plenário contra a proposta de regimento provisório, subscrita por Pimenta, teve este objetivo. Alguns dos líderes do movimento chegaram a esboçar no último fim-de-semana um documento contra o líder do PMDB.

A eventual criação de uma liderança do governo, que seria exercida por um político de inteira confiança do presidente Sarney — os nomes cogitados são os dos baianos Prisco Vianna e Carlos Santana — abriria espaço, no entender dos partidários da candidatura João Herrmann, para que Ulysses Guimarães também quisesse uma liderança no PMDB de sua confiança. E o nome seria Pimenta da Veiga, que, apesar de dissidente em Minas Gerais, saldaria o compromisso de Ulysses em sua campanha para a presidência da Câmara, de lutar por um mineiro na liderança do PMDB.

Pimenta da Veiga, além de negar essa versão, diz também que desconhece qualquer intenção de Sarney em desvincular os cargos. O líder do PFL no Senado, Carlos Chiarelli, vai mais longe: assegura que seu partido é o único integralmente fiel ao governo e não vai aceitar mais uma posição de subordinação ao PMDB. O deputado Jorge Ueque, da esquerda do PMDB, é taxativo: "Isto não tem o menor sentido. Não vai haver nada disto".

Até o líder do PCB, deputado Roberto Freire, irritado com o questionamento em plenário dos acertos firmados com a liderança do PMDB, dá, com ironia, sua opinião sobre a questão: "O PMDB precisa de uns 10 líderes. Um para cada corrente. Quem sabe, se eles se entenderam, evitam discussões desnecessárias em plenário".

A campanha

João Herrmann entrou firme na campanha. Explica que não trabalhou antes por estar entre os defensores da Constituinte exclusiva. Ontem, ganhou uma adesão importante: o ex-candidato Hélio Duque decidiu apoiá-lo. E também criou um fato político: propôs a Ulysses a realização de um debate na bancada entre os quatro candidatos na véspera da eleição. O deputado Milton Reis já concordou com a proposta.

Os lances públicos valorizam as candidaturas, mas é no contato pessoal que todos os candidatos pretendem garantir a vitória. Ontem, encerrada a sessão da Constituinte, Luiz Henrique, no fundo do plenário, convidava vários deputados para uma conversa particular. Sentado à Mesa da Câmara, Milton Reis fazia o mesmo. E, no centro do plenário, Herrmann cabalava seus votos.

Todos eles asseguram: em hipótese alguma abrem mão de suas candidaturas. Descartam qualquer composição em favor de Pimenta da Veiga.